

## Imagens dos mortos da Guerra do Chaco (1932-1935) nas construções memoriais em cemitérios bolivianos

*Images of the Dead from the Chaco War (1932-1935) in memorial buildings in Bolivian cemeteries*



### RESUMO

Este estudo enfoca as imagens fotográficas, signos e narrativas encontradas em sepulturas e mausoléus de cemitérios da Bolívia com referências à Guerra do Chaco, ocorrida entre esse país e o Paraguai, entre 1932 e 1935. A fotografia é vista como mais um componente na construção da memória familiar e coletiva, pois acompanha outros elementos que formam a sepultura, e, somados, criam uma mensagem sobre o falecido.

**Palavras-chave:** Fotografia - Guerra do Chaco - Cemitério - Memória

### ABSTRACT

This study focuses on the photographic images, signs and narratives found in the graves and mausoleums of Bolivia's cemeteries with reference to the Chaco War, which occurred between that country and Paraguay, between 1932 and 1935. Photography is seen as another component in the construction of the family and collective memory, as it accompanies other elements that form the grave, and, together, create a message about the deceased.

**Keywords:** Photography - Chaco War - Cemetery - Memory

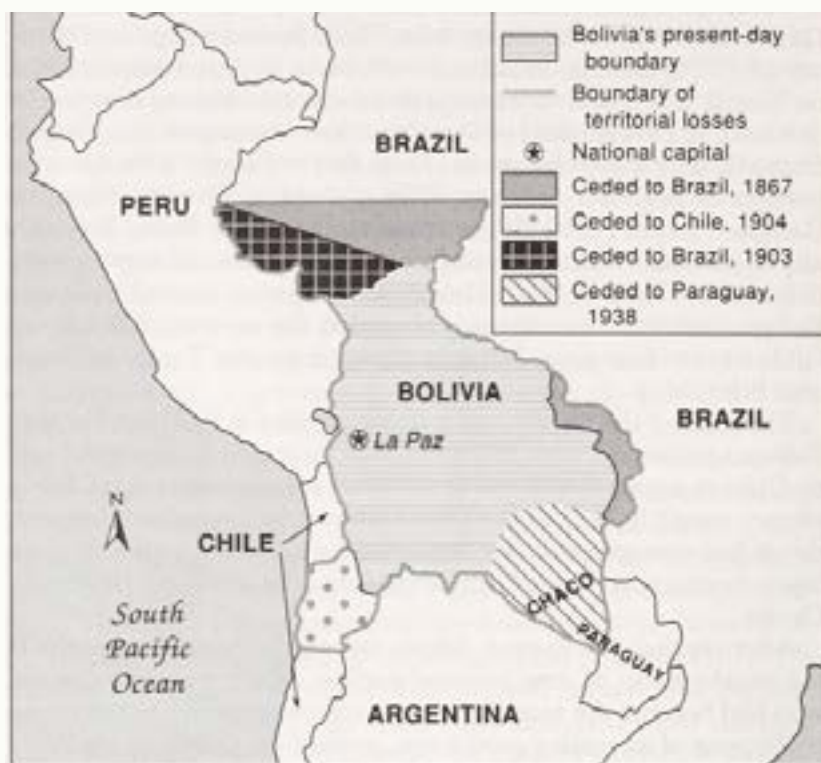
\* Professor Associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em História Econômica pela USP. Pós-doutorado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pela Sorbonne Nouvelle e pela Universidade Federal Fluminense (UFF). CV: <http://lattes.cnpq.br/5493268574512461>



A questão central desenvolvida neste artigo é o uso de imagens fotográficas, ornamentos e narrativas em sepulturas e mausoléus de alguns dos cemitérios da Bolívia que possuem referência à Guerra do Chaco, ocorrida entre esse país e o Paraguai de 1932 a 1935.

O conflito envolveu a disputa pela região do Chaco Boreal, uma região escassamente povoada que ocupava o território de ambos países e na qual se descobrira haver petróleo. A guerra representou o ponto culminante de uma disputa boliviana-paraguaia pelo controle da região desde a segunda metade do século XIX e sofreu significativas ingerências externas dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Liga das Nações, do Brasil e da Argentina, em torno dos interesses petrolíferos. A Guerra do Chaco foi um laboratório para uso de alguns dos mais avançados equipamentos bélicos então existentes na Europa e na América (que também seriam utilizados na Segunda Guerra Mundial); o que a tornou um dos mais sangrentos conflitos militares na América do Sul no século XX. O conflito terminou em 1935 com a vitória do Paraguai e ambos países beligerantes em bancarrota, tendo contado com a atuação de Argentina, Brasil Chile, Peru e Uruguai nas negociações pela Paz del Chaco (Monzón Battilana, 2015; Silveira, 2009; Barrera Aguilera, 2011). A Guerra do Chaco representou mais uma perda territorial que a Bolívia sofreria para o Paraguai, após a diminuição de seu espaço geográfico para o Chile e o Brasil em período anterior. A figura 1 permite a visualização do antigo território da Bolívia e do atual.

Figura 1. Mapa do território boliviano contendo as perdas territoriais para os demais países



FONTE: HUDSON, Rex A.; HANATTY, Dennis M. (Eds.). *Bolívia: A country study*. Washington, D.C.: Federal Research Division, Library of Congress, 1991, p. 24. Disponível em: <[https://www.loc.gov/resource/frdcstdy.boliviacountryst00huds\\_0/?sp=66](https://www.loc.gov/resource/frdcstdy.boliviacountryst00huds_0/?sp=66)>. Acesso em 01/12/2019.

Os cemitérios escolhidos para este estudo pertencem às seis cidades mais importantes e populosas da Bolívia: Santa Cruz de La Sierra, Cochabamba, La Paz, Oruro, Potosí e Sucre. O presente texto se propõe a utilizar estudos sobre a imagem fotográfica e signos que compõem a sepultura como fonte histórica, investindo numa análise que considera a relação entre vivos e mortos, a guarda da memória profissional e nacional. Isso implica uma inserção desses objetos em seu tempo e condições de produção e a observação de sua evolução. Pensa-se em uma memória coletiva, evidentemente, construída por memórias familiares e individuais.

A escolha do estudo da Guerra do Chaco se justifica em função da presença de elementos associados a essa guerra no cotidiano do povo da Bolívia – a exemplo das remissões ao evento nos nomes de ruas e praças –, como também pelos poucos estudos históricos sobre tal tema no Brasil. Como escreve Sontag, a maioria das guerras não alcança a exigida significação e, no caso, lembra das fotografias tiradas pelo fotojornalista alemão Willi Ruge, em pleno Chaco durante o conflito aqui considerado e que, segundo ela, estão completamente esquecidas (Sontag, 2003, p. 33-4). Chamo também a atenção para o número de mortos: 60.000 bolivianos e 30.000 paraguaios e, igualmente, a derrota da Bolívia em mais uma guerra (agora com a perda de mais 240.000 Km<sup>2</sup> de território). Uma guerra empreendida em regiões inóspitas e pouco habitadas em razão de uma suposta reserva de petróleo lá existente, a Guerra do Chaco deixou marcas nos dois países envolvidos. Destaca-se que a maioria das mortes dos bolivianos foi por fome e sede; o que traz uma carga emotiva maior.

As perdas humanas de grande monta de soldados vindos de todas as partes dos países em confronto obrigaram, do ponto de vista da memória militar e pátria, a construção de mausoléus coletivos e monumentos em praças públicas. Uma das características dos países que se envolveram em conflitos armados foi a nomeação das ruas em homenagem às batalhas ocorridas, datas da vitória (armistício), de grupos participantes (aviadores, por exemplo), comandantes militares, dentre outros.

Diversas publicações (biografias, memórias, estudos científicos etc.) já foram editadas, sendo a maioria não mais disponível ao grande público em nossa atualidade, limitando-se a consulta em bibliotecas. A leitura de parte dela (ver bibliografia ao fim deste artigo) nos possibilitou ter uma visão da época, do conflito, dos locais das batalhas, armamentos e, em especial, locais de enterramentos, coletivos ou não. A proposta desta investigação consistiu em visitar os cemitérios das cidades anteriormente mencionadas, localizar sepulturas individuais e coletivas que trouxessem algum tipo de rememoração da Guerra do Chaco. As fotografias tiradas foram de panoramas dos cemitérios, do conjunto construído dos mausoléus dedicados aos ex-combatentes, de coletivo de gavetas e das individuais. Estas duas últimas foram escolhidas de forma aleatória ou por conterem em seu conteúdo (fotografias, epitáfios, vestimenta etc.) algo que se destacasse ou se distinguisse na edificação. Por fim, foram fotografadas as estatuárias externas que compunham as edificações, as placas de inauguração/reforma ou comemorativas, bem como informes sobre o pagamento de taxas para as associações mantenedoras dos mausoléus e de informativos gerais. Para este artigo não se fez uso de documentos sob a guarda da municipalidade, dos arquivos dos cemitérios visitados e nem de arquivo de família de ex-combatentes. Nem todos os mausoléus

e columbários localizados serão apresentados ou analisados neste texto. A proposta é focar, pelo menos, um em cada cidade visitada. Busco compreender como a construção da memória de conflitos armados de grande monta se faz com uso de signos variados (fotografias, epitáfios, esculturas etc.).

## Uma discussão teórico-metodológica

*Nesse processo de conceitualização do mundo, mormente, as comunidades tendem a construir uma representação peculiar do passado, podendo transformar o que fora um fracasso, ou emblemática derrota, em uma exemplar vitória, onde o heroísmo pode significar um fator de coesão na memória da sociedade (Fuão, 2009, p. 11).*

A partir da frase acima, pode-se iniciar o debate sobre a teoria e a metodologia empregada neste texto. Frente à derrota da Bolívia na Guerra do Chaco, com perda de territórios e de grande número de cidadãos, o cemitério pode ser considerado um dos componentes da construção da memória heroica e de um pensamento social, juntamente com a escola, os livros, a imprensa, os monumentos em praça pública, museus e, mesmo, nomeação de ruas.

O uso da fotografia como fonte história e não como mera ilustração tem adquirido nos últimos anos um papel importante, tal qual o documento escrito. Ao se escolher a fotografia contida nos túmulos e mausoléus dos cemitérios como componente da construção da memória do morto, pôde-se constatar que a mesma é parte integrante de um processo mais amplo. A maioria dos túmulos e sepulturas visualizados não apenas contém os nomes dos mortos, mas também epitáfios, imagens (fotografia, busto, corpo inteiro, meio busto e face) e outras formas escultóricas em mármore, bronze, plástico ou vidro (imagens sacras, representações sagradas e/ou do mundo do trabalho militar, tais como navio, aviões entre outras). Na medida em que há mausoléus e columbários edificadas para o ex-combatente, pôde-se pensar também na construção de um passado glorioso para aqueles que ali estão, o que contribui para verificar o reforço de um discurso de homogeneização do organismo social.

Quanto à palavra "imagem", é pertinente lembrar do escrito de Joly, no qual afirma que sua etimologia designa a máscara mortuária levada nos funerais na antiguidade romana. Para a autora, esta acepção associa a imagem não apenas à morte, mas também a toda a história da arte e dos ritos funerários (Joly, 2006, p. 18). Complementando ou confirmando a importância da imagem no processo de construção da memória ou de luto, citam-se três frases de estudiosas do tema: "Desde quando as câmeras foram inventadas, em 1839, a fotografia flertou com a morte" (Sontag, 2003, p. 24); "O desejo por imagens precede a invenção de seus respectivos suportes (Beltin apud Santos, 2015, p. 28); "a fotografia em sua essência esteve sempre ligada à morte" (Almeida, 2007, p. 202). Para Carneiro (2012, p. 29), a importância dos ritos funerários consiste na manutenção da relação do homem com a morte de um ente querido ou de um membro da comunidade.

As fotografias cemiteriais funcionam para demonstrar uma suposta coesão da família



e, por conseguinte, para manter uma memória coletiva positiva. Utilizando-se, novamente, de Joly, pode-se acrescentar duas observações importantes: a imagem é algo que se assemelha pois não é ela a própria coisa; somos feitos da mesma massa da imagem, por isso ela nos é tão familiar, e nossa relação/leitura não é passiva, pois ativa convenções, histórias e culturas mais ou menos interiorizadas (Joly, 2006, p. 16).

Essa ideia reforça a importância da existência das datas e dos epitáfios. Eles também têm por função causar aos passantes e, em especial, aos familiares, emoções, recordações, vivências, respeito e admiração. Conforme Sontag: "A fotografia transforma o passado em objeto de carinhoso respeito, confundindo diferenças morais e desarmando julgamentos históricos, através do patético generalizado que é o olhar para o tempo passado (1983, p. 70). Mas não se pode pensar em leituras passivas e únicas no tempo. No caso da Guerra do Chaco, em que a quantidade de mortos, feridos e mutilados foi muito grande – e sua presença nas ruas e praças é marcante – poucas pessoas não conhecem (conheceram) ou não vivenciaram a dor da perda ou as dificuldades que as famílias passaram com a ausência do combatente (pai, filhos ou ambos) durante e após o conflito. Enfim, as imagens cemiteriais atuam junto ao seu observador causando revelações, lembranças, releituras; estimulando sentidos; provocando semelhança, associação, identificação consigo mesmo, com seu meio e/ou com suas experiências. A leitura da obra de Halbwachs sobre a construção da memória na mente humana permite aprender que novas informações de fatos, reflexões e ideias fazem com que o passado seja sempre reconstruído, relido (2004, p. 75). Tal afirmação conduz a uma rota de mão dupla, ou seja, a cada "visita" ao cemitério, ao ente querido, a leitura dos componentes da sepultura terá um sentido e se poderá criar um novo sentido às outras memórias e vivências do parente/passante.

A representação do mundo social e, no caso, mundo do trabalho é determinada pelo conjunto de seus componentes em busca de uma identidade. Como no espaço cemiterial há diferentes elementos de sentido religioso, há a soma desses mundos, com suas respectivas representações e simbologias. Sobre o aspecto da sacralidade do espaço, em especial das gavetas aqui analisadas, é importante reconhecer a existência de cruzes, de imagens de anjos, estatuária de santos e simbologias cristãs, como a palma, a âncora entre outras, que conduz a uma visão de perpetuidade do ente querido frente à morte ou à Ressurreição, no caso do catolicismo.

Considerando o objetivo desse texto de estudar mausoléus e columbários com caráter memorialístico, é possível aventar que estas construções estivessem em espaço privilegiado dentro da organização dos cemitérios e fossem portadores de uma ostentação, ou seja, de grande volume construtivo. No entanto, a investigação aqui desenvolvida permitiu verificar o quanto isso foi ou não verdadeiro. Isso porque o mausoléu de ex-combatentes não necessariamente faz parte de uma instituição militar, isto é, seus ocupantes apenas atuaram no conflito armado, cujo vínculo com as Forças Armadas terminou no dia da baixa de guerra. Podem fazer, portanto, apenas parte de uma memória coletiva nos mausoléus construídos por associações civis, sem vínculo com o Estado.

*O vivo ergue memoriais, monumentos, enfeita-os com velas, flores,*



*imagens, objetos, alimentos, põe cruzeiros nas estradas, monta altares efêmeros, constrói diversos corpos para o morto para que possa, ele mesmo, ter um corpo para se relacionar, para que não vá necessariamente em direção ao espaço vazio, esvaziado, perdido do cadáver” (Santos, 2015, p. 274).*

Há espaços diversos construídos para serem vivenciados e, também, para comportar experiências, valores e ideias: o geográfico do cemitério, na cidade: o espaço da sepultura/mausoléu dentro do cemitério; os espaços no mausoléu/sepultura que comportam, conjunta ou isoladamente, epitáfios, fotografias, ornamentações várias, estatuária, placas, bustos, símbolos do mundo do trabalho, história da família (cronologias com datas e nomes); etc. As vivências e experiências, as emoções e sensações variam conforme o uso desses espaços, separadamente ou em conjunto. Não se pode esquecer que a própria fotografia (e demais ornamentos) possui espaço pensado, interno e externo, no momento de sua construção. Como afirma Almeida, os adereços que compõem a sepultura/gaveta, trazem consigo traços identitários, sociais dentre outros e o papel da fotografia é humanizar os túmulos (2007, p. 298 e 318).

Recorro aqui ao conceito de intermediação, não só da fotografia, mas de todos os componentes que integram o mausoléu/sepultura/nicho. Este(a), com ajuda das ornamentações, atua na construção de uma memória individual e, em especial, coletiva. As transformações que operam junto aos espaços do cemitério e na composição das sepulturas/mausoléus (com seus componentes) no decorrer do tempo cobrem e descobrem novas formas de percepção da memória construída. Mas para compreender a intermediação é necessário entender a composição do objeto, localizá-lo historicamente e socialmente, conhecer sua(s) particularidade(s). As ornamentações são carregadas de sentidos e, como afirma Pereira, “o epitáfio é constituído pelas verdades do discurso religioso, da moral e da boa conduta, com vontades de verdade que justificam a morte e a consolidação dos que ficam” (2013, p. 66).

O epitáfio, como antes dito, faz parte da construção de uma memória, em especial, do falecido, mas dentro dos padrões morais e sociais vigentes (Gawryszewski, 2011, p. 62). Trata-se de uma escrita que se coloca na tumba. Em geral é escrito por um parente (mãe, pai, filho etc.). Sua dimensão e formato variam, tal como sua localização. Elogia-se o caráter, a honra, o amor filial, maternal, entre outros. No caso específico, como se verá, o patriotismo se fará presente muitas vezes. A marca contra o esquecimento é a tônica dos epitáfios.

Para a discussão sobre o epitáfio, o trabalho de Alélia Pereira é inovador por traçar um paralelo entre o discurso/narrativa oficial e o discurso carnalizado (não oficial). Este só pode ser encontrado na mídia, possuindo humor, ironia, grotesco, denúncia aos estereótipos da sociedade e irreverência. A primeira observação que a autora apresenta sobre o discurso oficial é a “repetição discursiva ou transfiguração do gênero” (Pereira, 2013, p. 12); ou seja, o uso de frases bíblicas e de valorização da família e seus membros é uma constante, não uma variável, uma exceção. São os dizeres cotidianos de uma época. Conforme Orlandi: “não há verdade oculta através do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de ler” (apud Pereira, 2013, p. 66). Assim, tal qual a imagem, a materialidade do epitáfio deve ser entendida quando o leitor (do texto e/ou da imagem)

interpreta o que está lendo (vendo) com suas capacidades cognitivas.

*Os enunciados interagem com a realidade e com outros textos, por isso são essencialmente dialógicos, nunca são neutros. Nós, enquanto sujeitos leitores, temos sempre uma atitude responsiva ao nos depararmos com um texto* (Pereira, 2013, p. 16).

O texto do epitáfio foi escolhido/escrito por alguém, está localizado em um espaço determinado (sepultura, mausoléu ou columbário), está acompanhado ou não de outros símbolos ou signos (fotografias, imagens sacras, flores etc.), é cercado de outras gavetas (estas também com seus signos). Tal conjunto, somado à vivência do leitor, proporciona um tipo de leitura que pode variar com a época. Como salienta Alélia Pereira, o epitáfio tem seus limites por sua função familiar e social: alguns dizeres obrigatoriamente são calados – o que também vale para a fotografia e demais componentes que compõem o espaço ocupado no cemitério (de uma simples gaveta a um mausoléu familiar). Os dizeres autorizados são aqueles que se espera que a família use, como os já referidos acima e os relacionados à morte. O epitáfio chama a atenção para o saldo positivo da vida (Martins apud Almeida, 2007, p. 321). Pode-se acrescentar: mesmo que este não exista.

O presente artigo contém um aspecto que difere de outros estudos que tratam de cemitérios não militares, como os de ex-combatentes ou mortos em batalha, nos quais a condecoração e o recebimento de títulos honoríficos fazem parte da composição dos nichos em columbários e mausoléus, colocados externa ou internamente, junto ao nome do falecido ou não. Isto significa que ao epitáfio escrito pela família é dada a oportunidade de se referir ao pai, irmão, esposo e/ou amigo, relacionando-o com a Guerra do Chaco, distinguindo-o dos outros tipos de cemitérios que não possuem tais honrarias. Essas mensagens nos auxiliam na explicação do sentido da guerra, da perda da vida pela Pátria, da vida pública pela Pátria, da vida privada pela pública.

Halbwachs escreveu: “As novas imagens recobrem as antigas como nossos parentes mais próximos se interpõem entre nós e nossos ascendentes longínquos, se bem que, destes, conhecemos apenas aquilo que nos confiam” (2004, p. 79). Em nosso espaço de pesquisa tal observação não é possível. Diferentemente de uma sepultura familiar onde as fotografias com placas avulsas colocadas sobre a campa ficam se sobrepondo, como se formassem peças de dominó, em uma disputa pela memória, os mausoléus, edificações e columbários aqui estudados guardam apenas a memória ex-combatente que era pai (às vezes acompanhado de sua esposa).

O presente artigo enfoca a construção da imagem e demais signos que compõem a sepultura individual ou coletiva onde descansa o morto militar (ex-combatente) da Guerra do Chaco. Considera-se aqui que esta imagem é portadora de ideais de heroísmo e patriotismo, podendo ser encontrada em diversos cemitérios bolivianos. A atuação das forças no conflito do Chaco se deu basicamente por terra; daí a possibilidade de referências aos armamentos e outros instrumentos (caminhões, por exemplo) de uso terrestre, mas também aéreos, pois a aviação teve forte atuação em bombardeios e no envio de materiais aos combatentes.

A fonte visual deve ser considerada evidência histórica, portadora de importantes informações para o conhecimento histórico. Para tal, o embasamento teórico tem que ser consistente, para não se cometer equívocos na análise da fonte visual. Esta pode constituir guia para compreender as mudanças de concepções sobre doença e saúde, beleza e feiura, bem como a existência de uma cultura material, entre outras observações possíveis (Burke, 2004). Aqui, podemos incluir vestimenta militar, armamentos, poses etc., vinculadas à Guerra do Chaco. Essas questões, como veremos, foram passíveis de serem observadas nas imagens fotográficas tumulares.

Mais do que de uma luta contra o esquecimento, trata-se de devolver um corpo, um rosto, uma identidade àquilo que está em estado de invisibilidade, cuja carne corrompeu-se no tempo. Como bem lembrou Carolina Junqueira dos Santos, aqueles que amamos não podem estar em estágio de putrefação, pois na sepultura jaz, dorme, descansa nosso ente querido. Para a autora, não se trata apenas de um epitáfio tipo “aqui jaz o corpo de...”, mas uma pessoa; daí o uso do nome próprio e da datação. Em sua perspectiva, busca-se tornar visível o que a morte tornou invisível. Fotografias, ornamentos, epitáfios – dentre outros componentes do cemitério – permitem mostrar seus rastros, recompor o corpo, que terá novos suportes, não mais de carne (Santos, 2015, p. 124, 126 e 196).

As imagens não são consideradas como verdades, devendo ser analisadas em seu contexto histórico. Enquanto visões de um mundo passado, construções de uma memória, são carregadas de valores. A existência de inúmeras fotografias nos nichos de militares em pose fotográfica feitas em vias públicas ou em estúdios dá a noção de como os fotografados e os fotógrafos construíram uma linguagem aceita pelos familiares. Da mesma forma devem ser encaradas as imagens em metal com relevo (medalhões e representações), carregadas de signos.

Segundo Boris Kossoy (2009), a imagem pouco ou nada diz ou emociona àqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que ela se originou. Carolina J. Santos segue a mesma linha ao afirmar que a fotografia de um desconhecido fica no terreno da representação, enquanto ao familiar a fotografia faz retornar qualquer coisa de perdido (Santos, 2015, p. 30). Diferentemente de ambos, tendo a pensar que a fonte visual que venho analisando neste artigo e encontra no cemitério, isolada ou participando de uma memória coletiva. O passante ou observador, sabe que ali está um morto. Portanto, a emoção e/ou o lamento é parte integrante da fotografia. A morte pela Pátria, por exemplo, é um importante componente de ligação de um desconhecido com o falecido retratado, lembrado. Além disso, a existência de mausoléus coletivos e columbários para o ex-combatente da Guerra do Chaco possibilita um elo entre todos os participantes do processo (passante, familiar e falecido).

Se a memória coletiva é seletiva (Halbwachs, 2004), ela define o que deve sobreviver e sucumbir. Nome de ruas, praças, monumentos públicos e, mesmo, mausoléus construídos pelo estado reforçam a tese da permanência da memória/monumento. Isso não passou despercebido pelo estado boliviano, em especial pela grande perda humana, mas também para suavizar a derrota ou, mesmo, escamoteá-la. Assim, a imagem (fotografia, escultura, signos, entre outras) deve ser pensada como um instrumento fundamental para a realização



do trabalho do historiador. A seguir, considerarei os componentes da sepultura e/ou mausoléu, individual ou coletivo, onde a fotografia tem seu destaque. Estudo esse que deve considerar as dificuldades de campo, pertinentes ao ofício (péssimo estado dos cemitérios, risco de assaltos, longas viagens, excesso de calor ou frio, dentre outras).

## Cemitérios da Bolívia

Passo a analisar a presença da Guerra do Chaco nas imagens e monumentos de cemitérios bolivianos. A ordem de apresentação será pelo trajeto feito entre maio e junho de 2016 em terras bolivianas, a começar pela cidade de Santa Cruz de La Sierra (visitado em 17/05/2016), passando por Cochabamba (percorrido em 19/05/2016), La Paz (visitado em 22/05/2016), Oruro (percorrido em 28/05/2016), Potosí (29/05/2016), concluindo pela cidade de Sucre (visitado em 03/06/2016). A figura 2 permite visualizar o trajeto entre tais cidades.

Figura 2. Mapa da Bolívia na atualidade, contendo as cidades visitadas



Fonte: HUDSON, Rex A.; HANATTY, Dennis M. (Eds.). *Bolivia: A country study*. Washington, D.C.: Federal Research Division, Library of Congress, 1991, p. xxii. Disponível em: <[https://www.loc.gov/resource/frdcstdy.boliviacountryst00huds\\_0/?sp=26](https://www.loc.gov/resource/frdcstdy.boliviacountryst00huds_0/?sp=26)>. Acesso em 01/12/2019.

As visitas às seis cidades produziram cerca de 1.500 fotografias. No Cemeterio General de Santa Cruz de La Sierra, que passo a analisar a seguir, foram tomadas cerca de 400 fotografias. Enfocarei os mausoléus coletivos/ossuários, pois foi comum nos cemitérios visitados a existência de mausoléus de ex-combatentes, de suas viúvas, mutilados e feridos, entre outros, e uma sepultura individual/familiar (única encontrada referenciando à guerra).

Figura 3. Pavilhão da Federacion Departamental de Benemeritos y ex-combatientes de la Guerra del Chaco, com fotografia parcial de um modelo de nicho (Cemeterio General de Santa Cruz de La Sierra)



Fonte: Fotografias e montagem do autor (2016)

Na montagem de imagens que constitui a figura 3 vê-se uma escrita sobre o portão que diz “Gloria eterna a los bravos guerreiros caídos por la Patria”, contendo duas placas nas laterais da entrada, várias gavetas, sendo algumas apenas fechadas por tijolos e outras por portas confeccionadas. As duas placas situadas nas laterais da entrada possuem os mesmos dizeres – “La Federacion Departamental de Benemeritos y ex-combatientes de la Guerra del Chaco, como una homenaje a sus Hermanos” –, apresentando como diferença apenas alguns nomes dos componentes da diretoria da federação de beneméritos e ex-combatentes e a data de confecção (uma de janeiro de 1970 e outra de março de 1972).

Esse aspecto me leva a questionar se se trataria de uma guerra de memória. Afinal, percebe-se que há duas categorias de homenageados, os ex-combatentes e os beneméritos. O que sugere que a pessoa pode ter sido ex-combatente sem ser benemérita. Talvez, pela razão de ter morrido antes do decreto que nomeou os beneméritos da Guerra do Chaco (decretos esses que, aparentemente, foram correntes). Outro detalhe é que as placas não citam os nomes dos mortos na Guerra do Chaco. Assim, questiono o motivo do texto do portal (“caídos pela

Patria”) se morreram depois de encerrada a guerra?

Em destaque, na figura 4, enfoco uma das gavetas na qual se pode ver o nome do falecido, as datas de nascimento e morte, duas fotografias e um texto assinado pela esposa e pelos filhos e netos. Estes, apedido do pai ou não, pensaram a construção da gaveta de forma harmoniosa para atingir todos os objetivos e atender os costumes de então: produzido em mármore e encimado, na parte externa e bem visível, pelo título honorífico: “Benemérito de La Patria”. No centro da parte externa, a fotografia do falecido, com os cabelos brancos e face séria. No lado direito, o epitáfio em homenagem ao pai (“Fuiste un gran ejemplo para nosotros”) e na parte esquerda, o nome, as datas de nascimento e morte e, por fim, a fotografia, quase do mesmo tamanho da outra, da frente do jovem militar com seu uniforme. No mais, vasos de planta com rosas vermelhas, sem símbolo religioso.

Figura 4. Detalhe do modelo de nicho da fotografia anterior (Cementerio General de Santa Cruz de La Sierra)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Outro mausoléu/columbário é denominado “Benemeritos de la Guerra Del Chaco - 1974”ese encontra não muito distante do referido acima. Possui uma placa que diz: “Los Benemeritos de la Guerra del Chaco a sus Heroes Fallecidos” e na qual seguem os nomes da diretoria desta associação dos beneméritos, com a menção aos anos de 1974-76. Não difere muito do anterior, pois algumas gavetas possuem portas e outras não, algumas estão com o nome pintado sobre o tijolo rebocado que, com o tempo, vai se perder pela ação da umidade

(mofo).

O que chama a atenção neste mausoléu é – e se verá no decorrer de todo este trabalho – a mutilação da memória pela falta de espaço para manter o sepultamento dos mortos, como é possível deprender pelo aviso dado às famílias dos ex-combatentes que possuem algum de seus membros ali enterrado: “Se hace conocer a los familiares de los camaradas fallecidos que se encuentran sepultados en este mausoleo y que yahan cumplido los 10 años reglamentarios en el uso de este nicho, que deben retirar los restos e nun plazo de 30 días a partir de la fecha [...]. 1998”.

Pelo teor da mensagem, fica subentendido que os enterramentos ocorridos em épocas anteriores deveriam ter sido removidos de tal lugar. Mas, verificou-se em alguns túmulos a permanência de sepultados na década de 1970, 1980 e 1990, bem como do ano de 2001. Se segundo Borges (apud Carneiro, 2012, p. 114) a concessão das sepulturas era um sinal palpável para as recordações, uma propriedade que assegurava a perpetuidade do morto. Nossa época atual, de início do século XXI, tem mostrado que com as ações das administrações municipais, ordem religiosas, ou no caso, as associações de ex-combatentes da Bolívia, tal projeção não se confirma, visto a extenso processo de perda de titularidade das sepulturas, jazigos e gavetas.

Figura 5. Aviso aos familiares dos ex-combatentes da guerra do Chaco sobre prazo para retirar os restos mortais da sepultura (Cementerio General de Santa Cruz de la Sierra)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Outro mausoléu é o da “Asociación de Mutilados e Inválidos de la Guerra Del Chaco. 1935-67”. Não diferindo dos demais citados, chama a atenção a presença de muitas mulheres. Provavelmente, são as esposas dos associados. Ou seja, não tiveram ação direta no conflito,

apenas se casaram, durante ou depois da guerra, com um ex-combatente. Apenas duas fotografias de soldados demonstram sequelas do conflito armado. Também nesta edificação foi possível encontrar mensagem da diretoria desta associação. Pelo Comunicado de julho de 1999, fica-se sabendo que a mesma foi fundada logo após o fim da guerra, ou seja, em 04 de julho de 1936 (como se vê na Figura 5). No mais, seguiu a mensagem da outra associação referida anteriormente, ou seja, a determinação de retirada da ossada após certo tempo.

Figura 6. Modelo de nicho (Cementerio General de Santa Cruz de la Sierra)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Um dos nichos desse mausoléu (Figura 6) apresenta um modelo de moldura específica para a Guerra do Chaco, no qual estão entrecruzados fuzis, canhões, suas rodas e seus projéteis, os bonés (quepes) e, por fim, o símbolo da república da Bolívia. Na parte interna é possível ver o nome do falecido e a data (junho de 1969), um crucifixo, um coração com o epitáfio (“Viviras eternamente en nuestros corazones. De tu esposa, hijos e nietos”), vaso com flores e um porta-retratos. Neste há duas fotografias: uma no lado esquerdo, de um militar devidamente fardado; outra no lado direito o retrato de uma mulher, ambos jovens. Pelo epitáfio, deduz-se que foi colocado após a morte da esposa. Todos os símbolos estão presentes: Pátria, família, “profissão” e religiosidade. Chama a atenção nos dois epitáfios referidos acima o alerta que Pereira (2013) nos faz acerca da repetição discursiva nas sepulturas, mausoléus e columbários conforme mencionado no item anterior.

A única referência individual sobre a Guerra do Chaco fora das grandes edificações coletivas foi a que se encontra num suntuoso mausoléu da família Gutierrez Jimenez. Neste há

uma placa (figura 7) que homenageia o falecido Adolfo: “caído heroicamente em Cañada Loa el 20 de junio de 1934. Homenaje de su hijo y hermanos”. Na placa aparece a representação da República de olhos baixos, com uma tocha na mão direita, lamentando a morte de seu leal cidadão patriota e, provavelmente, indica um “futuro luminoso”. Símbolos militares completam o quadro. Não há dados sobre a patente do falecido, nem sobre a data de nascimento, o que inviabiliza saber com que idade morreu. Não bastou à família escrever que “caiu” no conflito, pois acrescentou que sua morte foi heroica; ou seja, dá ao leitor a possibilidade de compreender, visualizar, uma ação ativa. Somado a isso, demonstra um laço familiar forte, já que a homenagem é realizada pelo filho e irmãos.

Figura 7. Placa individual em memória de ex-combatente em mausoléu familiar (Cementerio General de Santa Cruz de La Sierra)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Nossa próxima parada é no Cementerio General de Cochabamba. Um cemitério espaçoso, bem localizado e bem cuidado. Muitas edificações (ossuários) e belos mausoléus. Nenhum túmulo familiar com referências o conflito do Chaco foi localizado. Próximo ao portão de entrada há um espaço destinado “Aos Notables”. Neste se encontra (em cova rasa) o Major Desiderio Rocha, morto na batalha de Cañada Strongest, em 20 de maio de 1934. A placa alusiva ao fato foi executada a mando do Conselho Municipal no mesmo mês do enterramento. Presume-se, portanto, que o major era um membro importante da política local.

Fora este aspecto específico, no mesmo cemitério há um grande columbário destinado aos ex-combatentes da Guerra do Chaco. Construído em diferentes etapas, apresenta uma

harmonia na construção. Na última fase de obra, tem a parte frontal (conforme a figura 8) com as devidas placas solenes, o “letreiro” e, por fim, uma alegoria sobre a edificação. Esta representa um anjo flutuando e apontando para o céu, carrega em seu braço direito o corpo de um soldado morto, o qual está mirando. A mensagem é clara: o destino glorioso do soldado morto na guerra foi o Paraíso. O soldado devidamente uniformizado, com as botas e os braços caídos. Como escrito anteriormente, a morte do soldado boliviano parece não ter sido em vão, transforma-se em uma expressão hiperbólica apontando para a concepção de vida pós-morte, sendo a morte a própria vida. Os dizeres “Mausoleo Heroes Nacionales de la Guerra del Chaco” já não contam com todas as letras. Tal como a vida sobre o corpo, o tempo pode ser cruel sobre as letras/monumentos.

Figura 8. Frontal de pavilhão (Cementerio General de Cochabamba)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

As placas de inauguração encontradas nos blocos somam cinco. A primeira, de 2008, produzida pela federação dos beneméritos da Pátria “Guerra do Chaco”, refere-se à obra realizada sob a direção do prefeito da cidade, mas não menciona qual obra seria. A segunda, da mesma época, informa que a prefeitura de Cochabamba construiu o mausoléu na gestão do prefeito Gonzalo Rojas.

As demais podem ser vistas na figura 8. As três de 2011, mas de meses diferentes, fevereiro, março e abril (será que indicariam alguma disputa de memória?). A primeira, da gestão 2010-12, mas não se sabe de qual associação; deduz-se que seja da Associação dos

Beneméritos da Pátria. A segunda, que provavelmente data de 2015, está referida ao programa do governo federal “Bolívia Cambia”, com o destaque das palavras “Evo cumple”. Trata-se do projeto de construção do segundo bloco do mausoléu dos Beneméritos da Pátria. Por fim, a terceira placa, da prefeitura de Cochabamba agradecendo ao presidente Evo Morales pela realização da obra. Com destaque, em letras garrafais, aparecem nomes do presidente e do prefeito. Portanto, a obra demonstra sua importância política, bem como a demonstração de apreço do governo para com os beneméritos da Pátria e seus familiares, sinalizando estratégia de se promover. Em fevereiro 2015 o presidente Evo Morales decretou que os ex-combatentes da Guerra do Chaco não mais pagariam pelos serviços de água, luz e gás residencial. A medida teve destaque na imprensa boliviana, em solenidade na cidade de Tarija para alguns sobreviventes, atingindo um número mínimo de pessoas que não deve chegar a 300 vivos.<sup>1</sup>

A seguir, há três exemplos de memória construída pelas famílias de ex-combatentes, localizados no referido mausoléu. Ao estarem presentes no columbário deduzo que foram combatentes na Guerra do Chaco. Diferenciar, destacar, dar informações, colocar fotografias é uma escolha da família (se tem posses e conhecimentos para tal). Como expressou Marcelina Almeida: “Memórias e lembranças que, em sua maioria, nada mais são que os reflexos dos desejos e das expectativas daqueles que permanecem” (2007, p. 294). A maior parte das gavetas traz pouca informação do morto, não indicando onde lutou, sua patente etc. As ilustrações a serem analisadas trazem alguns aspectos comuns às gavetas que continham algumas informações sobre o falecido.

Na figura 9 pode-se ver que o destaque está nas fotografias em primeiro plano. Em um porta-retratos (outrora existente na moradia do morto?) podem ser identificados dois momentos, indicando a passagem do tempo. De um lado, um jovem soldado, devidamente uniformizado, olhando para o fotógrafo com o corpo um pouco para a esquerda; de outro lado, um senhor, vestido formalmente com paletó e gravata, em pose tradicional, olhando para o fotógrafo, portando em seu peito, presas ao paletó, duas medalhas. Sobre o vidro, em destaque, o nome do falecido, com sua patente, data de nascimento e de morte. No lado esquerdo de quem olha, a imagem de Cristo. Ao fundo, o nome do falecido quase totalmente coberto pelas flores. No lado direito há um epitáfio “escrito” pelo falecido endereçado aos parentes e amigos onde afirma que não estava morto, apenas dormindo (infelizmente as flores dificultaram a leitura integral da mensagem). Por fim, a presença de um copo de água (é comum nos cemitérios da Bolívia a presença de copos de água e/ou garrafas – miniaturas ou não – de refrigerantes, em especial a Coca-Cola). Tanto o epitáfio quanto a imagem de Cristo sugerem um sentido religioso conferido à morte.

<sup>1</sup> ANÔNIMO. Veteranos de la Guerra del Chaco no pagarán agua, luz ni gas en Bolivia. *Ultima Hora*, 18 de febrero de 2015. Disponível em <<http://www.ultimahora.com/veteranos-la-guerra-del-chaco-no-pagaran-agua-luz-ni-gas-bolivia-n873519.html>>. Acesso em 28/05/2017.



Figura 9. Exemplo de nicho (Cementerio General de Cochabamba)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Figura 10. Exemplo de nicho (Cementerio General de Cochabamba)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Na figura 10, vê-se colado na parte interna do vidro o decalque-símbolo do “Benemerito de la Patria” e a fotografia do jovem soldado. Esta imagem é frontal e nela o jovem se apresenta com pose solene e sóbria. No interior do nicho é possível identificar um porta-retratos com um casal de idosos. No peito do senhor, vestido formalmente, há uma faixa tricolor, representando as cores da bandeira da Bolívia; a escultura de Cristo Crucificado; e, por fim, na moldura, os nomes dos falecidos, com as respectivas datas de morte. Novamente, a religiosidade aqui se faz presente, bem como o patriotismo e o valor familiar. A presença da mulher (possível esposa) não foi incomum nos mausoléus/columbários pesquisados.

A figura 8 é única. Sem porta ou outra proteção, possui quatro vasos de flores, sendo um vazio; ao fundo, na parede, contém um diploma fixado. Este possui a fotografia de um jovem soldado devidamente uniformizado, em pose séria e frontal. O conteúdo do texto faz referência à concessão de “Medalha de Guerra” pelo Exército boliviano ao Suboficial Fausto Meruvia Sardan, em 19 de outubro de 1941, pelos serviços prestados na zona de operações durante a guerra do Chaco. Mais nada! Nada sobre datas de natalício e falecimento. Nada sobre família ou locais de batalhas. Nenhuma religiosidade presente, nenhum epitáfio. Apenas a presença da jarra de água e o vaso de flores. Para a família, bastou o diploma como prova de honradez e patriotismo do falecido. A semelhança entre as três fotografias existentes nas figuras 9, 10 e 11 sugerem uma fotografia oficial que dão a entender que foram tiradas no engajamento e/ou na baixa dos ex-combatentes.

Figura 11. Exemplo de nicho (Cementerio General de Cochabama)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

O terceiro ponto do roteiro proposto é La Paz, capital política da Bolívia e a terceira mais populosa. Seu cemitério é antigo e muito extenso (Cementerio General). Possui mausoléus monumentais, muitas edificações com gavetas, outros mais columbários e, também, covas rasas. Portanto, uma riqueza de manifestação cultural, histórica e religiosa. Mapas na entrada localizam os jazigos considerados de importância histórico-cultural, bem como de pessoas famosas (músicos, políticos etc.). No que se refere à Guerra do Chaco, há muitos columbários, dedicados aos heróis de algumas das batalhas travadas ao longo do conflito, tais como a KM-7, a Batalha do Boquerón e a dos Evadidos do Paraguai. Há, inclusive, um dedicado às enfermeiras que atuaram no conflito (único localizado nas cidades pesquisadas).

Em uma edificação construída em 1931 foi possível encontrar cinco nichos de combatentes mortos durante a Guerra do Chaco. Um apresenta um mármore preto e sobre ele dois nomes, sendo um deles o de Miguel Orias, morto em Camiri, em março de 1935, em "defensa de la Patria". O que o passante consegue identificar ao olhar pelo portal é que a placa original do combatente não está mais lá. Se havia retrato ou algum epitáfio, foi no passado. A figura 12 mostra uma placa especialmente encomendada pela esposa do falecido

aviador. Após o nome, consta o epitáfio: “caído heroicamente en la defensa de la Patria”, de 5 de março de 1935. Há um medalhão coma imagem do Tenente piloto aviador Aurelio Roca Llado devidamente uniformizado e, ao seu lado, um avião em queda. Portanto, a imagem reforça a escrita, causando dor e lamento ao passante. Em outro nicho, referente ao Sargento Salustiano Morales, “caído herido en Condado, sector Ballivian y fallecido en Villa Montes en 23 de Júlio de 1934”. Um crucifixo sobre a escrita e um vaso com flores de plástico virado completam o quadro. O sargento em questão foi duplamente herói, pois foi ferido em uma batalha, recuperou-se e morreu em defesa de Villa Montes.

Figura 12. Placa em nicho do Cementerio General de La Paz



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Outro columbário é dedicado aos ex-combatentes da Batalha do Boquerón, denominado “Heroes Nacionales Boquerón”. A obra foi concluída em 1969, tendo sido iniciada em 1957. Vê-se que o edifício levou doze anos para ser concluído. Pela simplicidade de tal construção, pouco exigindo de técnica ou de estrutura, a frase da placa fornece uma visão de verdade, ou seja, a de que o mausoléu foi levantado com sacrifício dos próprios ex-combatentes e seus familiares. Não apresentando nenhum ornamento que chame atenção ou se destaque, o mausoléu se assemelha aos demais, com algumas fotografias (poucas), vasos

de plantas, símbolos religiosos e epitáfios de parentes (sem referência ao conflito). A diferença está na constante presença da frase "Heroe de Boquerón", seja na parte externa do nicho, seja na interna.

A montagem que constitui a figura 13 exemplifica uma das gavetas do referido columbário, onde o falecido Juan Saavedra (quase centenário) tem seu nicho muito bem elaborado, harmônico e com diversos símbolos. As medalhas estão bem visíveis. Seu rosto, bem marcado pela idade, foi desenhado na peça de mármore (caracterizando garantia de permanência?). Está olhando para o fotógrafo, vestindo roupa formal (paletó e gravata). A célebre frase honorífica foi encontrada, neste caso na parte externa da moldura. E sob esta, na parte inferior, conta-se a história do ex-combatente: patente, grupamentos, vitórias e, por fim, o ferimento próximo ao fim do conflito. No mais, os vasos de flores, imagens religiosas etc.

Figura 13. Montagem com detalhes de nicho (Cementerio General de La Paz)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Os demais companheiros de Juan Saavedra também gostavam de ostentar suas conquistas ao se deixarem fotografar com suas medalhas. As famílias, por pedido ou não, ornamentaram os túmulos com as mesmas ou similares. Na figura 14 (montagem), há uma seleção de quatro fotografias de ex-combatentes e de dois tipos de símbolos militares, sendo

uma, a medalha de “Heroe Nacional”. Todos os fotografados se apresentam bem trajados e com o ar solene, altruísta. Quase todos são idosos, exceto um, a última imagem. Este ex-combatente, falecido em 1992, apresenta-se jovem, não porta medalhas, sua fotografia é em preto e branco. Portanto, diferente de seus colegas, a família ou o próprio escolheu uma imagem sem qualquer referência ao conflito, já bastava estar ali presente. No geral, o mausoléu está em bom estado de conservação.

Figura 14. Coletânea de fotografias de mausoléu (Cementerio General de La Paz)



Fonte: Fotografia do autor (2016)

No Cementerio General da cidade de Oruro, quarta cidade visitada, há diversos mausoléus destinados aos bolivianos que participaram das diversas guerras, como por exemplo a Guerra do Pacífico (conflito armado entre a Bolívia e o Peru, ocorrido entre 1879 e 1883) e a Guerra do Acre (conflito armado entre a Bolívia e o Brasil, de 1899 a 1903). Para além dessas, há um espaço generoso para os mausoléus/columbários destinados aos ex-combatentes da Guerra do Chaco, que gerou mais de 400 fotografias. Cercado por muros, com um pórtico ostensivo (Figura 15), a primeira impressão que se tem é boa, mas ao adentrar o local é possível perceber problemas de conservação, alguns graves, como o sinalizado na figura 16. O espaço é composto por diversos columbários, com variadas condições físicas. Seguindo o padrão dos demais vistos até agora, as gavetas podem possuir ou não portas, com vidro ou apenas gradeadas (ou outro tipo de proteção). Pode ou não haver referências à Guerra do Chaco na parte externa. Muitas molduras com a informação honorífica (Bmto – Benemérito), o nome

do falecido e datas. Na parte interna, castiçais, flores, demonstração de fé, informações sobre o falecido, fotografias deste como soldado ou como civil (condecorado ou não), entre outros ornamentos e manifestações de apreço e memória. Tal como em outros cemitérios analisados, em várias gavetas estão também guardados os ossos das esposas.

Figura 15. Frontal para espaço destinado aos ex-combatentes



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Figura 16. Estado de conservação de nicho no Cemeterio General de Oruro



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Dois nichos deste cemitério se destacam entre tantos outros e foram selecionados para compor este artigo: os dos beneméritos Toribio Tarque e Pablo Fernandez. Em ambos há o símbolo cristão (Jesus e a cruz), fotografias, vasos de flores e epitáfios. A principal diferença entre eles está no discurso verbal de um e no discurso visual do outro. No nicho do Benemérito Toribio Tarque há um epitáfio com os seguintes dizeres: "Cuando mi patria me llamó al Chaco, en su defensa a combatir en luchas fieras, de las trincheras con mi metralla barría yo al enemigo que asaltaba el suelo Patrio donde nací". No nicho do Benemérito de Pablo Fernandez há uma imagem (figura 17) em relevo acerca do conflito, devidamente datada como sendo de 1932-1935.

As duas mensagens (a escrita e a visual) se encaixam perfeitamente, como se fossem feitas uma para a outra. Na figura em foco se pode ver soldados bolivianos disparando os tiros contra o inimigo, de uma trincheira, com a metralhadora em mãos. O tipo de uniforme e de arma, a construção da trincheira e a existência das plantas nativas dão o toque de realismo. Em ambas as gavetas, como já escrito, há retratos dos falecidos, idosos. Referente ao primeiro nicho, a imagem apresenta o falecido elegantemente vestido, de chapéu e óculos escuros.



Atrás do vaso de plantas, parece estar escrito "Heroe nacional de la Guerra del Chaco". Em relação ao outro nicho, o ex-combatente também está vestido formalmente, mas aparece retratado de corpo inteiro e portando medalhas no peito. Por fim, o epitáfio deste último foi escrito pela amada "Pablo, lo mejor que pudo haberme sucedido fue encontrar en mi caminho a um conpañero como tu. Josefa"

Figura 17. Detalhe de nicho no Cementerio General de Oruro



Fonte: Fotografia do autor (2016)

O propósito da figura 18 é apresentar um mosaico do tipo de memória visual que se pôde encontrar no mausoléu dos ex-combatentes do Chaco na cidade de Oruro, a qual não é muito diferente da existente nos demais mausoléus de Bolívia. O cotidiano, os amores, o tempo, a profissão, a elegância, a família e o heroísmo podem ser visualizados pelos passantes nesse meio histórico-cultural. Os exemplos aqui selecionados mostram as poses pensadas e escolhidas pelos retratados e/ou pelo fotógrafo, as imagens da família e do amor, do cotidiano e do trabalho retiradas de recinto do lar para ficar exposta aos olhares de outros. O tempo passa, o tempo passou e deixou suas marcas, mas não apagou a história. O olhar para a câmera, o sentido e as medalhas no peito, como no tempo das "gloriosas batalhas". O olhar distante, dando sobriedade para o fotografado e, por fim, a distinção de ser um "Benemérito da Pátria". Todos se sentindo parte de algo maior que si próprios.

Figura 18. Coletânea de fotografias presentes nos túmulos de ex-combatentes no Cemeterio General de Oruro.



Fonte: Fotografia do autor (2016)

No cemitério de Oruro foi possível encontrar remissão a algumas das “profissões” que se fizeram presentes no conflito, tais como enfermeira, médico e capelão. Vale ressaltar que em La Paz, como citado, há um mausoléu específico para as enfermeiras do conflito, mas em outras cidades não identifiquei nada nesse sentido. Em Oruro, o mausoléu se chama “Heroes del Chaco”, apagando a atuação feminina ao fazer uso apenas do gênero masculino. A esse respeito, o jornal *Opinion*, da cidade de Cochabamba, publicou no dia 15 de junho de 2014 uma reportagem intitulada “Las mujeres en la Guerra del Chaco”, acompanhada de uma fotografia, com a seguinte legenda: “Fortaleza y entrega. Madres, esposas, hijas, enfermeras, madrinhas, espías y hasta prostitutas, su rol fue fundamental para la supervivencia de las tropas, que necesitaban ser alimentadas, vestidas y sanadas”. Segundo esta reportagem,

*Una vez organizado y uniformado, el primer grupo de enfermeras, en su mayoría jovencitas menores de edad, ingresaron al Hospital de Sangre en fortín Muñoz el 2 de agosto de 1932, para después ser destinadas a los hospitales de sangre de Laguna Forcelios, Ballivián, Samaihuate, Puesto Burro, Villamontes, Tarairí, Macharetí.*

*Muchas de estas enfermeras murieron cumpliendo su deber en hospitales de primera línea, la mayoría ascendidas al grado de suboficial y algunas a subtenientes, continuaron en el hospital de Villamontes cuando esta zona era amenazada por el enemigo. Esas enfermeras fueron condecoradas con las medallas al mérito; la Constancia; la Cruz de Ginebra y la Cruz Roja del Perú.<sup>2</sup>*

<sup>2</sup> VELASCO MALDONADO, Omar et al. Las mujeres en la Guerra del Chaco. *Opinion*. 12 de diciembre de 2019. Disponível em <[http://www.opinion.com.bo/opinion/revista\\_asi/2014/0615/suplementos.php?id=3758](http://www.opinion.com.bo/opinion/revista_asi/2014/0615/suplementos.php?id=3758)>. Acesso em 28/05/2017.

A atuação das unidades sanitárias (médicos, enfermeiras, enfermeiros, padioleiros, motoristas e pilotos de avião) é apresentada em relatos históricos e memoriais sobre a Guerra do Chaco. Embora em número pouco significativo, pode-se encontrar no mausoléu ora analisado a presença de alguns médicos. Todos têm em comum a não existência nos nichos com fotografias ou escritos lembrando o conflito. A figura 19 apresenta a gaveta do Reverendo Presbítero Capelão Juan Carrasco M., falecido em 10/03/1981. Ao centro, bem visível, no porta-retratos, uma fotografia do Capelão em seu uniforme de guerra. Sóbrio, de mãos para trás, não mira para o fotógrafo. Tem escrito: "recuerdo de tu familia" e "Capelán del Chaco".

Figura 19. Exemplo de nicho do Cementerio General de Oruro



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Já no Cementerio General da cidade de Potosí, quinto ponto do trajeto que proponho, existem sete pavilhões destinados a receber os corpos e os ossos dos ex-combatentes e suas viúvas. Uns mais antigos, outros nem tanto. A grande maioria em péssimo estado de conservação, em especial pela atuação dos pombos que lá dividem o espaço com os mortos. Além da grande sujeira que fazem, contribuem para a deterioração das edificações.

Tal como na cidade anterior, há um columbário da "Federación Distrital de Benemeritos

de la Patria". Segundo a placa existente no local, a obra foi inaugurada no ano de 1972; existindo um anexo que aparentemente foi inaugurado em 1976. Esses pavilhões estão bem cuidados, os nichos possuem porta (tipo padrão) com vidro e fechadura; muitos dos quais contendo o nome dos falecidos. Há no anexo um vitral (figura 20) que chama a atenção não só pelo tamanho (2 por 1 m<sup>2</sup>) e sua localização (sendo voltado para uma área de passagem do cemitério, portanto, muito visível), mas pelo tema que contém. Vê-se o soldado andando no meio de um mato ou pequenos arbustos, empunhando seu fuzil, devidamente uniformizado para a guerra. Ao fundo, um dos motivos propalados da guerra: o petróleo existente na região do Chaco. A composição dá o entendimento de que o soldado está em posição de defesa do campo de petróleo.

Figura 20. Vitral em mausoléu do Cementerio General da cidade de Potosí



Fonte: Fotografia do autor (2016)

A figura 21 é um mosaico feito com os porta-retratos encontrados em alguns nichos. A variedade de poses e locais chama a atenção para a atividade desenvolvida (suas escolhas) pelo fotógrafo antes e/ou durante o envio das tropas para os campos de batalha. Os quatro

primeiros da primeira fileira e o terceiro da segunda linha foram fotografados em ambiente externo. O primeiro aparece de pé, completamente uniformizado para a marcha para a guerra; o segundo, sentado solenemente e ao fundo um pano branco; o terceiro também está de pé, com um uniforme diferenciado, pois parece trajado para o frio; o quarto, sem olhar para o fotógrafo, apresenta-se sem nenhum armamento, como os dois anteriores e, por fim, o terceiro da segunda fileira posa igualmente de pé, em uniforme mais confortável, com apenas uma faca na cintura. Os demais da segunda fileira, em pose feita em estúdio, devidamente uniformizados, olham para a câmera.

Figura 21. Coletânea de fotografias presentes nos túmulos de ex-combatentes no Cementerio General de Potosi



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Para concluir a visita ao cemitério de Potosí, apresenta-se a imagem que compõe a gaveta de Nicanor Velasques, falecido em 22 de março de 1939 (figura 22). Localizada em parte elevada de um dos columbários destinados aos ex-combatentes, com uma proteção de ferro, sem fechadura; portanto, de difícil visibilidade (daí a falta de qualidade da imagem aqui apresentada), foi produzida em relevo sobre metal, com fortes cores, levando o observador a visualizar uma cena do conflito cheia de horror e dor. Enquanto um soldado carrega o canhão, aparece ao seu lado um colega ferido caído no chão, assistido por outro que se encontra ajoelhado e, por fim, um último soldado em pé, desesperado, lamentando a tragédia. Trata-se de um manifesto pacifista diante de tanta dor e sofrimento? Nenhuma referência há para a pessoa de Nicanor, se foi oficial ou apenas um soldado; se foi ferido ou se era canhoneiro; nem mesmo sua data de nascimento e idade com que morreu.

Figura 22. Exemplo de nicho do Cementerio General de Potosi



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Por fim, nosso roteiro é concluído o cemitério da importante cidade de Sucre ("Cementerio General de Sucre"), fundado em 1892 e declarado "Cementerio Patrimonial de Bolivia" em 2004. Sucre é a capital constitucional da Bolívia e capital do departamento de Chuquisaca. Considerado, portanto, um dos mais importantes cemitérios do país, possui boa estrutura, com grandes mausoléus em diversos períodos e estilos arquitetônicos. Neles e encontram enterrados importantes nomes da história da Bolívia. Há um espaço específico, cercado, para os judeus. Contém, também, muitos mausoléus/columbários de diversas corporações ou entidades de classe (professores, policiais, petroleiros, motoristas, entre tantas outras profissões). No que se refere à Guerra do Chaco há um conjunto de columbários destinados aos ex-combatentes (5 blocos, que somam o chamado "Mausoléu Geral"). Estes formam um semicírculo, possibilitando a existência de uma pequena praça com um pequeno jardim. No centro desse semicírculo e no início do jardim há uma estátua (figura 23, montagem).

Figura 23. Estatuária Central do Cemeterio General de Sucre.



Fonte: Fotografia do autor (2016)

Diferentemente da estatuária do mausoléu da cidade de Cochabamba (figura 8), quem acolheu ferido não é um anjo. Trata-se de uma mulher, que representa a República. Sua manta cobre parte do rosto do soldado, que está com duas feridas abertas, uma na perna e outra no peito, de onde sai muito sangue a correr pela mão (portanto, representando a luta e dor do morto). A mulher aponta dois dedos para o coração, simbolizando a morte heroica pela Pátria. Com o soldado devidamente uniformizado, a imagem apresenta um importante instrumento do conflito, o canhão. Ao alto, no mastro, a bandeira da Bolívia.

Mutilando todo o sentido da obra, há um aviso na sua base (ver seta branca), que representa mais um dos tantos avisos (ofícios, papeletas, cruces em vermelho ou branco etc.) existentes nos conjuntos tumulares visitados na Bolívia com referência à necessidade de se manter em dia o pagamento da manutenção dos mausoléus, sob a ameaça de despejo: "Se comunica a los familiares de los difuntos beneméritos del Chaco que se encuentran enterrados en los mausoléus del DTTO. 111, 220 y del Mausoleo General [...] para que hagan su depósito en dicha oficina para el mantenimiento de esos mausoleos. Sucre, 16 de Febrero del 2016. La

Directiva”.

Abaixo da estátua há uma placa (ver seta preta) mencionando que o governo municipal – o único entre outros órgãos governamentais solicitados – realizou reformas, após solicitação da “Federacion Departamental de Hijos(as) de ex-combatientes y beneméritos de la Guerra del Chaco de Chuquisaca”. O que explica a razão de as edificações estarem em estado bom de conservação. Datada de setembro de 2012, a placa traz informações sobre a manutenção dos mausoléus dos ex-combatentes, mencionando a existência de cobrança de manutenção, apesar de sugerir que a Federação não mantém as edificações. Ao fundo da ilustração, em um dos columbários, há outra placa (ver seta vermelha), da Federación Departamental Ex-combatientes Guerra del Chaco, datada de janeiro de 1970, contendo o nome do prefeito de Sucre e da diretoria da Federação (com menção aos anos de 1968-69). Provavelmente, deve ter sido feita em função da inauguração da edificação.

O destaque, que reforça as mensagens de patriotismo e heroísmo, da morte pela Pátria, encontra-se dentro do mausoléu do Destacamento 111, um destacamento militar composto pelos moradores da cidade. O que se sobressai no espaço desse mausoléu não está nos nichos, fotografias ou algum epitáfio, mas no mural de seu espaço interno. Pela Figura 24 é possível verificar nichos nas laterais e um altar. O desenho na parede possui detalhes importantes para compreender a mensagem que se busca transmitir sobre a Guerra do Chaco. Os campos de petróleo, os armamentos (avião, canhão e fuzis), a vegetação árida, as cores da Bolívia, o grito de dor e a religiosidade. Ao fundo da imagem há uma ponte, por onde passam pessoas, apresentando um soldado agachado em um dos pilares. A oposição está presente num detalhe em que aparece o rio cheio de água e os cactos das regiões áridas dos campos de batalha.

Figura 24. Interior de mausoléu do Cementerio General de Sucre



Fonte: Fotografia do autor (2016)



## Considerações Finais

Nas seis cidades mais importantes da Bolívia há monumentos e referências à Guerra do Chaco. A principal estrada de acesso à cidade de La Paz é chamada de “Autopista Heroes de la Guerra del Chaco”. Do ponto de vista do cotidiano, o encontro com o fato histórico da guerra é real. Os dados apresentados permitem nos darmos conta de que cerca de 50 mil bolivianos morreram frente aos 30 mil paraguaios. O Paraguai oficializou as terras do conflito como sendo suas; ou seja, as pretensões da Bolívia não se consolidaram. Em síntese, a Bolívia foi derrotada na guerra. Talvez, estes dois fatores, o alto índice de bolivianos envolvidos (mortos, feridos, mutilados e sem sequelas físicas) e a perda da guerra, tenham produzido neste povo um sentimento maior, de suprema importância, em especial pela dor, levando-os a produzir uma memória cemiterial com tanto dinamismo. Na Bolívia, logo após o conflito, foram criadas diversas associações (viúvas, órfãos, ex-combatentes, mutilados etc.) que, aparentemente, concentraram as demandas desses grupos frente ao governo e conduziram a construção e reforma dos mausoléus/columbários para os ex-combatentes.

Em relação às fotografias que ornamentam os túmulos de militares, o que se pôde visualizar? Uma grande quantidade de fotografias foi coletada na pesquisa. Seja com o ex-combatente ainda em uniforme militar, já idoso, seja portando medalhas ou não no peito. Boa parte das fotografias mostrou o soldado olhando para o fotógrafo, demonstrando que ele estava de acordo com a realização da mesma. Talvez, até definindo a pose. Outros não olhavam para a câmera, mas sabiam de sua existência, evidenciando que sua posição foi pré-concebida ou definida. O uniforme foi uma constante, às vezes estava impecável, completo e preparado para a fotografia, como se estivesse indo para o “front” ou apenas com uma faca na cintura. Algumas fotografias foram feitas em estúdios, improvisados ou não. Outras foram tomadas em plena via pública.

As referências às batalhas ocorridas foram constantes, mas não predominantes, em muitos túmulos bolivianos. A batalha de Cañada Strongest talvez tenha sido a campeã; mas a de Nanawa e outras menos conhecidas também foram citadas. O KM-7, importante local de defesa para os bolivianos, foi retratado num mausoléu em homenagem aos participantes deste front. O uso de medalhas e de títulos honoríficos foi uma peça importante na memória construída das famílias dos ex-combatentes. Cópias de medalhas, fotografias de ex-combatentes idosos com as mesmas no peito foram uma marca nos nichos, bem como dos jovens militares. Mas a maioria recebeu suas condecorações e seus títulos de Beneméritos da Pátria após o fim do conflito ou décadas após. Lembramos aqui a cópia do diploma colocado pela família (com pregos): o ornamento mais importante, não sendo necessária a colocação da data de nascimento nem da morte, mas sim a honraria recebida.

Este artigo buscou apresentar a construção da memória, a busca da perenidade, da infinitude do morto, em cemitérios da Bolívia, por meio de imagens. A fotografia foi um dos instrumentos usados nesse processo de construção, tendo sido agregadas informações por intermédio de epitáfios e outros sinais/símbolos. Ou teria sido o contrário?

A construção do nicho/gaveta nos columbários, em especial aqueles com muitos

ornamentos, marcam uma presença, um posicionamento frente à morte e à vida do morto. O cemitério é um espaço público. A memória é uma produção social. O mausoléu, diferente de uma sepultura familiar, individual, coloca todos na mesma situação de memória. Mas a grande semelhança entre todos está na presença do símbolo religioso. Pode-se afirmar que 90% possui algum sinal de fé. Outro ponto comum são os epitáfios produzidos por familiares com elogios ao morto (bom pai, boa mãe, exemplo de honestidade etc.). O vaso com flor – que muitas vezes nos atrapalhou por impedir o que estava por detrás –, é objeto quase que obrigatório.

As imagens não foram consideradas como verdades (nem os epitáfios), sendo analisada sem seu contexto histórico, construindo visões de um mundo passado, produzindo uma memória, carregada de valores. A memória coletiva é seletiva. A memória da Guerra do Chaco, profundamente coletiva e dolorida, definiu o que deveria ser guardado, comemorado e/ou esquecido. Assim parecem ter agido os familiares dos ex-combatentes. O Estado atuou nessa construção de memória na medida em que nomeou as ruas das cidades (com termos em remissão às batalhas e aos participantes no conflito), construiu monumentos em locais públicos (praças, logradouros, entroncamentos etc.), promoveu homenagens públicas e cívicas em datas específicas e financiou a construção e/ou reformas dos mausoléus/columbários.

Se a grande maioria dos epitáfios homenageava os pais (e mães), sem qualquer referência à Guerra do Chaco, a presença de outros ornamentos foi fundamental para construir a memória do ex-combatente, como o uso de medalhas, emblemas de regimentos, símbolos da Pátria (brasão e cores da bandeira) ou o destaque na moldura do nicho foi importante para dar uma marca especial ao morto. Assim, o nicho ou sepultura do militar do Chaco pode compor de diversas maneiras na construção de uma imagem memorial. Os valores pátrios, familiares, sociais e religiosos compuseram o quadro. A fé cristã busca ensinar que a morte é o começo da vida. Mas a vida terrena também pode ser uma alegria. Imagens religiosas, miniaturas de garrafas de bebidas, desfiles comemorativos, medalhas no peito, título de “Benemérito de la Patria”, fotografias com os colegas, andando em sua lambreta, com o cão no colo, epitáfio elogiando o pai... E por aí vai... O conflito fez parte da vida de ex-combatente, mas não foi sua vida (infelizmente, o espaço disponível e o recorte proposto neste artigo não possibilitaram mostrar imagens do cotidiano, presentes mausoléus pesquisados e nem de todos os mausoléus fotografados).

Não se pode deixar de comentar sobre os avisos e os bilhetinhos de despejo. Poucas foram as sepulturas ou nichos encontrados com ocupantes mortos na guerra ou que morreram entre 1935 e 1960. Os avisos eram claros quanto à necessidade de desocupação do nicho, fosse pelo tempo de uso, fosse pelo não pagamento da taxa de manutenção. Quantos e quantos ornamentos, mensagens, fotografias foram destruídas, apagadas? São irrecuperáveis. Quantos serão destruídos pelo mesmo motivo no futuro não muito distante? Aqui lembramos, para concluir, o descaso da administração dos cemitérios, do Estado, do familiar com a conservação de diversas edificações coletivas e sepulturas individuais que caem de podres, pela infiltração, pela ferrugem, pelo desnível do terreno, pela ação de aves, dentre tantos motivos. Quanto de informação já se perdeu e vai se perder ainda? Este trabalho, portanto, também atua na

denúncia desse descaso e na valorização dessa importante fonte de informações para o conhecimento histórico.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA Marcelina das Graças de. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 418p.

BARRERA AGUILERA, Óscar Javier. La Guerra del Chaco como desafío al panamericanismo: el sinuoso camino a la Conferencia de Paz de Buenos Aires, 1934-1935. *Anuario colombiano de historia social y de la cultura*. Bogotá, v. 38, n. 1, p. 179-317, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/achsc/v38n1/v38n1a07.pdf>>. Acesso em 30/11/2019.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. História e Imagem. Bauru: EDUSC, 2004. 270p.

CARNEIRO, Maristela. *Construções tumulares e representações de alteridade: materialidade e simbolismo no Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012. 167p.

FUÃO, Juarez José Rodrigues. *A construção da memória: Os monumentos a Bento Gonçalves e José Artigas*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009. 375p.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Cemitério São Pedro: espaço de vida, espaço de memória. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). *Patrimônio Histórico e Cultural: cidade de Londrina-PR*. Londrina: LEDI/UUEL, p. 59-88, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. 189p.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus, 2006. 152p.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 184p.

MONZÓN BATTILANA, Álvaro Patricio. Una mirada semiótica de la Guerra del Chaco (1932-1935). *XIX JORNADAS NACIONALES DE INVESTIGADORES EN COMUNICACIÓN*. Corrientes, Red Nacional de Investigadores en Comunicación, 2015. Disponível em: <<http://redcomunicacion.org/wp-content/uploads/2016/04/PON-MONZ%C3%93N-BATTILANA.pdf>>. Acesso em 25/11/2019.

PEREIRA, Alélia Lucélia Gomes. *Do epitáfio ao epitáfio "fabuloso": parodiando identidades e reatualizando discursos*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. 99p.

SANTOS, Carolina Junqueira dos. *O corpo, a morte, a imagem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem*. Tese (Doutorado em Artes). Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. 288p.



SILVEIRA, Helder Gordim da. A visão militar brasileira da Guerra do Chaco: projeção geopolítica e rivalidade internacional na América do Sul. *Antíteses*. Londrina, v. 2, n. 4, jul-dez. 2009, p. 649-667. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/2740/3932>>. Acesso em 25/11/2019.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Arbor, 1983. 200p.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 112p.

*Recebido em: 23 de janeiro de 2019*

*Aprovado em: 20 de março de 2019*

